Música (Jerusa Mustafa)

Música, segundo o mestre Aurélio: "Arte e ciência de combinar os sons de modo agradável ao ouvido". Pode ser também "qualquer composição musical" ou "execução de qualquer peça musical". Também muito amplo para simples definições, tão amplo é o campo, com dezenas de gêneros (aleatória, atonal, concreta, cromofônica, câmara, de cera, eletrônica, experimental de vanguarda, folclórica e popular). E música popular é, sintetizada pelo pesquisador José Ramos Tinhorão, da seguinte forma: "Por oposição à música folclórica (de autor desconhecido, transmitida oralmente de geração em geração), a música popular é composta por autores conhecidos e divulgada por meios gráficos, como as partituras, ou através da gravação de discos, fitas, ou videoteipes. A música popular constitui uma criação contemporânea do aparecimento de cidades com um certo grau de diversificação social".

Música Popular no Brasil

Quando se fala em música brasileira, é preciso entender a multiplicidade de enfoques que cabem neste tema. Em termos de informação históricas, são raros os dados em relação a manifestação musicais até o século XVIII. Como escreveu um dos mais respeitados pesquisadores de música brasileira, José Ramos Tinhorão, a música popular, tal como a conhecemos, é um fenômeno ligado ao aparecimento de centros urbanos no Brasil colonial. Se considerarmos, porém, que antes mesmo de surgirem, quase simultaneamente, nas cidades de Salvador e no rio de Janeiro, os dois primeiros gêneros populares – o lundu e a modinha – algumas formas de diversão, como cantos e danças, já existiam entre os habitantes dos primeiros núcleos de população colonial, desde a descoberta do Brasil, no século XVI. Os padres jesuítas chegaram ao Brasil encontrando os indígenas no estado primitivo das danças a canto de caráter mágico e, assim, o trabalho de encontrar os índios com música foi facilitado porque, do ponto de vista musica, havia uma certa coincidência entre espírito da catequese (que visava congregar os indígenas em reduções, sob a autoridade da igreja), o sentido coletivo da música dos índios (quase sempre ritual, pelo característico mágico de suas relações com os fenômenos da natureza) e o caráter redutor de vozes da monodia do cantonhão (canto litúrgico da Igreja católica, cujo ritmo se baseia apenas nas divisões do fraseado).

Sinteticamente, pode-se dizer que a música do Brasil colonial (século XVI a fins do século XVIII) foi peculiar de cada um dos elementos étnicos que contribuíram para a formação do povo brasileiro: os ameríndios, os portugueses e os negros. Em conseqüência, a música brasileira de qualquer espécie – a folclórica, a popular urbana e erudita – só passou a ter um caráter estritamente nacional a partir dos últimos 25 anos do século XIX.

Música Popular

Com base em pesquisas desenvolvidas pelo jornalista e musicólogo Mário de Andrade (1893-1945), a musicóloga Oncida Alvarenga dividiu a música popular brasileira em sete categorias: as danças dramáticas, as danças não dramáticas a música religiosa, os cantos de trabalho, os jogos, os cantos puros e a música urbana. Como nem todas essas manifestações permanecem vivas (algumas já inexistentes ou estão em plena decadência), vamos nos fixar na última categoria – a música popular urbana, que, ao longo de mais um século, sofreu uma evolução de formas e estilos, perdendo em alguns casos o caráter estritamente popular de suas origens, mas ganhando outro, chegando quase à manifestação semi-erudita.

José Ramos Tinhorão, pesquisador de música brasileira, acentuou que, durante os dois primeiros séculos de colonização portuguesa no Brasil, os únicos tipo de música ouvido no Brasil foram os cantos de danças rituais dos indígenas, acompanhados por instrumentos de sopro (flauta de várias espécies, trompeta, apitos) e por maracás e bate-pés; os batuques dos africanos (na maioria das vezes também rituais e à base de percussão de tambores, atabaques e marimbas, e ainda de palmas, xequerés e ganzás) e, finalmente, as canções dos representadas por gêneros que remontavam, em muitos casos, ao tempo de formação das primeiras cidades medievais dos séculos XII e XIV.

A Música Regional

Eliminando-se as distâncias e fronteiras geográficas com desenvolvimento de tecnologia das comunicações, nota-se, em nome da chamada "integração nacional", um desaparecimento das manifestações musicais em termos regionais. Assim, pouco a sociedade de consumo vai fazendo desaparecer formas puras e espontâneas de cultura popular, o que preocupa inclusive a sociólogos e estudiosos de cultura popular. Na música brasileira, durante anos houve um intercâmbio de valores vindo de outros Estados, através da projeção conseguida pelos veículos de comunicação do rio de Janeiro/São Paulo. Por exemplo, o alagoano augusto Calheiros (1891-1956) em 1927 veio para o Rio de Janeiro com o conjunto "Turunas de Mauricéia", lançando os gêneros nordestinos coco e embolada e fazendo sucesso no carnaval de 1929 com sua famosa embolada "Pinião". Outro exemplo da música nordestina é o acordeonista, compositor e cantor Luiz Gonzaga (do Nascimento) (Exu, Pernambuco, 1912-88), reconhecidamente um dos mais importantes criadores de música popular, responsável pela projeção do baião a partir dos anos 40. Em parceria com Zé Dantas (José Souza Dantas Filho, 1921-1962) e, principalmente, Humberto Teixeira (Iguatu, Ceará, 1915), Luiz Gonzaga estilizou o ritmo nordestino que chegou até as grandes orquestras.

Em Pernambuco, o Frevo é uma dança e música de rua e salão típica do carnaval. O passo de marcha característico dos carnavais recifenses já existia desde fins do século XIX, mas só no fim da primeira década do século XX é que se firmou a música de frevo, de ritmo mais violento e frenético que a marcha carioca. São muitos os compositores de frevo, mas dois nomes

destacaram-se nacionalmente: Capibra (Lourenço da Fonseca Barbosa, Surubim, PE, 1904) e o maestro Nelson Ferreira (1902-1976), autores de clássicos frevos que até hoje são a sensação do carnaval pernambucano.

Tango Brasileiro

Para alguns musicólogos, o tango brasileiro é apenas uma variante (mais bem cuidada) do maxixe e constitui o gênero menos popular e por isso mesmo de trajetória mais curta na música urbana do Brasil. O nome de "tango brasileiro" é relacionado ao pianista e compositor Ernesto Nazareth, citado erroneamente como seu criador. Corrige Ramos Tinhorão, lembrando que o "tango", ou "tanguinho", é uma adaptação da babanera, introduzida no Brasil pelas companhias de teatro musicado europeu do século passado, à qual logo se incorporaram elementos das duas músicas de dança de maior popularidade da época, a polca, e levou 15 anos compondo valsas, polcas, e polcas lundu, até se dispor a usar pela primeira vez o nome tango numa música sua (1893), polca-tango "Rayou d´Or" e o famoso Brejeiro. Só que o tango brasileiro não tinha em comum com o tango argentino, surgido a partir do ano de 1890 com "El Choclo", de Angel Villoldo (e que só recebeu letra de E. S. Discepolo em 1947). A compositora Chiquinha Gonzaga (Francisca Hedwiges Neves Gonzaga, 1847-1935), autora de músicas de inúmeras revistas e lançadoras de primeira marcha carnavalesca ("Abre Alas", 1899), também intitulou muitas de suas músicas como tango. Mas na verdade e designação era dada a outros gêneros, até que, no início dos anos 30, a moda do tango argentino no Brasil tornou ambíguo o uso dessa palavra como indicadora de gênero da música brasileira. Assim, como os tangos de Nazareth hoje são considerados excelentes choros, tangos de outros autores não passavam de canções sertaneja.

O Samba

De todos os gêneros musicais existentes no Brasil, o mais difundido e identificado como música popular urbana é o denominado Samba. Como dança tem suas origens possivelmente em Angola e no Congo e foi trazida para o Brasil pelos escravos destas regiões. Inicialmente difundida no Maranhão e Bahia, chegando ao rio de Janeiro no fim do século XIX. No início era apenas uma forma de dança, animada por violentos sons de percussão, e somente a partir da primeira década do século XX passou a ter um aproveitamento estilizado. São muitas vezes divergentes as teses sobre o surgimento dos primeiros sambas, as a maiorias dos pesquisadores inclina-se pelas notícias de que dói na rua Visconde Itaúna, 117, Rio de Janeiro, na chamada "Casa de Tia Ciata", uma velha baiana, em animadas reuniões musicais, que surgiram as primeiras composições. Uma delas, "Pelo Telefone", foi registrada pelo autor compositor Ernesto Santos, o Donga (1891-1974), em dezembro de 1916, na Biblioteca Nacional, como gênero de "Samba", sucesso no carnaval de 1917. "Pelo Telefone", com letra do jornalista Mauro de Almeida (1882-1956), cronista carnavalesco que se assinava com o pseudônimo de "Peru dos Pés-Frios", é tido, historicamente, como o primeiro samba. Hoje, entretanto, já está provado que ainda na primeira década haviam sido gravados discos com músicas tendo por gênero o samba, e o pesquisador Flávio Silva chegou a apresentar na

Universidade de Sorbonne, Paris, uma tese contestando o pioneirismo de Donga. De qualquer forma, foi com "Pelo Telefone" que se chamou a atenção para o novo ritmo, logo aproveitado pelos compositores de classe média e divulgando através de gravações e programas de rádio como música de salão e de rua. Surgiram então os chamados compositores de primeira geração – Sinhô (José Barbosa da Silva, 1888-1930), Caninha (José Luiz Morais, 1883-1961), João da Bahiana (João Machado Guedes, 1887-1974) e Pixinguinha (Alfredo da Rocha Viana Júnior, 1898-1973), este último um dos mais extraordinários compositores e instrumentista brasileiros (tocava no início flauta e depois saxofone), autor de clássicos como "Carinhoso" e que deixou imensa obra entre sambas, choros, marchas e outros ritmos. A partir de 1918, o samba não deixaria mais de figurar como gênero de maior sucesso no carnaval – embora concorrendo com a marchinha, que também encontrou excelentes compositores, entre os quais Lamartines Babo (1904-1963) e João de Barro (Carlos Alberto Ferreira Braga, Rio de Janeiro, 1907), são os dois nomes mais representativos do gênero. Divulgado inicialmente teatro de revista e no carnaval, o samba ganhou, com o desenvolvimento da indústria fonográfica e também o rádio (introduzido no Brasil a partir de 1923), dimensão nacional, crescendo os compositores e surgindo na década de 30, a chamada "época de ouro", extraordinários compositores, cantores, letristas, instrumentistas e maestros. Entre os nomes mais importantes da MPB nesta fase podem ser lembrados : Noel Rosa (1910-1937), Henrique Vogeler (1888-1944), Ismael Silva (Rio de Janeiro, 1905, fundador da primeira Escola de Samba, a Deixar Falar, em 1927), J. Cascata (Álvaro Nunes, 1912-1961), Leonel Azevedo – (1905), Henrique Froés, o Almirante (1908, também radialista e pioneiro da pesquisa e história da música popular brasileira), Antônio Nássara (rio de Janeiro, 1910), Ary Barroso (1903-1964), Assis Valente (1911-1958), Ataulfo Alves (1909-1969)), Dorival Caymmi (Salvador, 1914), Paulo da Portela (Paulo Benjamin de Oliveira, 1901-1948), Alcebíades Barcelos (1902-1975, Armando Marçal (1903-1947), Benedito Lacerda (1903-1958), André Filho (Antônio André de sá Filho, 1906-1974), Custódio Mesquita (1910-1945), Vadico (Osvaldo Gogliano, 1910-1962), Lupiscínio Rodrigues (1914-1974) e Marino Pinto (1916-1965). Estes são apenas alguns nomes dos muitos e fundamentais criadores da música popular brasileira, cada um tendo dado uma extraordinária contribuição à consolidação do nosso cancioneiro. Evidentemente, a citação de todos seria impossível na limitação deste verbete.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura